

MURO GALERIA VIVA: A ARTE POPULAR NAS RUAS DE PARINTINS COMO INSTRUMENTO FOLKCOMUNICACIONAL¹

Ádria Lorena Brasil Barbosa²

Onan Ferreira da Silva³

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP

RESUMO

Com intuito de identificar as pinturas artísticas nos muros de Parintins como instrumento de folkcomunicação, a pesquisa parte do questionamento de como esses espaços servem como intercâmbio entre a comunidade e o artista. O trabalho busca analisar como as pinturas ou escritas nos muros são permeadas de significados, onde por vezes, grupos excluídos ou marginalizados se comunicam, e como, por meio desta prática, é possível promover inclusão social. A metodologia é de pesquisa documental e bibliográfica, amparada na teoria da Folkcomunicação e entrevista semiaberta, no intuito de instigar debates que possibilitem olhares críticos que proporcionem novas perspectivas nos estudos de Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Muros; Pinturas Artísticas; Inclusão Social.

INTRODUÇÃO

A cidade de Parintins situa-se no interior do estado do Amazonas, a 369 km da capital Manaus. Localizada no arquipélago Tupinambarana, a ilha é conhecida por sediar uma das maiores manifestações culturais da região norte, o Festival Folclórico de Parintins. O evento é a disputa entre os bois-bumbás Caprichoso, das cores emblemáticas azul e branco, e o Garantido, das cores predominantes vermelho e branco.

Desde 2022, a cidade passou a contar com um projeto promovido pelo Governo Estadual, chamado: “Parintins, Galeria Cidade Aberta”. A iniciativa parte da intenção de propagar a arte urbana pelos muros da cidade com a finalidade de comunicar o cotidiano dos ribeirinhos, a cultura dos povos originários, o folclore enraizado no boi-bumbá e nas lendas amazônicas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, Mídia, Cultura Popular e Cultura Underground, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp, e-mail: adria.barbosa@unesp.br.

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp, e-mail: onan-ferreira.silva@unesp.br.

No dia 15 de abril, Dia Mundial da Arte, a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, por meio do perfil oficial no Instagram, destacou a grande visibilidade artística do Município:

Quando você pensa em uma cidade que respira arte no nosso Amazonas, você lembra dela. Parintins é aquela cidade que transpira arte. Transpira porque o povo mais que respira isso. Tem arte em cada sorriso, em cada esquina, onde o rio Amazonas banha a terra e as ruas são palco da criatividade, onde a cultura se manifesta e se mistura em festa. Transpira porque tudo nela reflete a alma da cidade. A cidade que respira arte (Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, 15 de abril de 2025).

Desta forma, as pinturas nos muros podem ser observadas como expressões populares de grupos que manifestam por meio da arte suas informações, ideologias e discordâncias. Este processo produz troca de mensagens entre artista/emissor e o povo/receptor, são manifestações populares culturais que possibilitam o ato da Comunicação. “As manifestações populares são espaços/meios que vão possibilitar a interação entre sujeitos sociais e comunidades rurais ou urbanas, inteirando-se de informações de fatos e ideias no meio social”. (Oliveira, 2007, p. 68).

METODOLOGIA

Como metodologia, utilizou-se a pesquisa documental e bibliográfica, com objetivo de analisar os muros pintados em Parintins na perspectiva folkcomunicação, pois as obras podem ser vistas como instrumento de comunicação e troca entre sujeitos no sistema de comunicação popular. Para isto, utilizamos o método de entrevista semiaberta com um jovem artista, que nasceu com uma deficiência rara e encontrou na pintura uma forma de se expressar e comunicar. A entrevista foi realizada por meio de trocas de textos e áudios no WhatsApp com roteiro de perguntas – e alguns questionamentos específicos, à medida que o aprofundamento ou desdobramento de algum tema emergiu (Duarte, 2015).

MURO COMO EXPRESSÃO POPULAR DE COMUNICAÇÃO

Desde a antiguidade o homem já elaborava formas para se comunicar. As primeiras pinturas ficaram conhecidas como artes rupestres, produções artísticas feitas nas paredes de cavernas durante a Pré-História. Essas pinturas muitas das vezes, eram formas de retratar o cotidiano, e podem segundo os historiadores, ser entendidas como formas de comunicação entre os primeiros seres humanos.

Neste contexto, para além da significação de muro como parede, usada para cercar determinada área, servindo de proteção e/ou “limite”, na pesquisa, nos interessa analisar o quanto as pinturas ou escritas em tais espaços, contam histórias, reivindicam pertença e são permeados de significados, onde por vezes, grupos excluídos ou marginalizados, “gritam” suas causas e passam a existir em/na sociedade. Conforme Araújo, Filho e Marinho (2015), em vez de pensar a cidade como um adjunto adverbial de lugar, é preferível entendê-la como sujeito da enunciação, no sentido de que ela e seus componentes também são “atores” produtivos. A cidade é presente, participa dos encontros e comunica.

A exemplo, podemos citar os protestos por melhorias políticas e revoltas estudantis na Europa, em 1968, ou a luta por representação com grupos de jovens nos Estados Unidos na década de 1970 “tendo a cidade e seus muros como os principais veículos de comunicação daqueles que não eram ouvidos pela sociedade, pelo governo e pela mídia” (Araújo, Filho e Marinho, 2015, p.101). Assim, no Brasil, no final dos anos 1970, os muros foram usados contra a ditadura militar, onde frases como “abaixo a ditadura”, mostravam a insatisfação contra o regime que proibia a livre expressão.

Com essa perspectiva, este estudo busca em diálogo com a teoria Folkcomunicacional, identificar as pinturas artísticas nos muros da cidade de Parintins como instrumento de folkcomunicação. Aos moldes que os espaços urbanos de Parintins se preparam para o grande evento do boi-bumbá, as pinturas também possuem processos comunicacionais para expor ideias, opiniões, reivindicações e histórias da população.

Vale ressaltar que a teoria da Folkcomunicação, é um estudo importante no cenário brasileiro e que possui pesquisas disseminadas na América Latina. A teoria parte da criação de Luiz Beltrão, jornalista, professor e doutor no Brasil, a inquietação do pesquisador verificava como as classes subalternas se comunicavam e de que forma essas classes discutiam suas pautas sociais se não tinham acesso aos meios de comunicação de massa.

Nas diversas pesquisas realizadas por Beltrão, na análise de maneira minuciosa, era comum observar como e de que modo acontecia a comunicação dos agentes no meio dos processos culturais presentes nas manifestações culturais da sociedade. No ano de 1965, Luiz Beltrão iniciou seus estudos sobre a Folkcomunicação e a conceituou como

“o processo de intercâmbio de informações de ideias e atitudes de massa através dos agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore” (1965).

O breve percurso da teoria é necessário para entender o caminho que esta pesquisa busca traçar: a folkcomunicação sendo um viés possível para apreender as pinturas nos muros da cidade de Parintins como forma de comunicação. Sobre as formas de Comunicação, Henrique Aquino (2017) discorre:

Normalmente essas formas de comunicação são criadas com o intuito de preencher uma necessidade específica, muitas delas girando em torno da própria sobrevivência e da manutenção do grupo social no qual esses indivíduos se inserem, ou seja, acontecem para atender uma finalidade preexistente. Essas formas singulares de comunicação conseguem superar obstáculos e, com isso, os indivíduos conseguem ser vistos, passam suas mensagens e estas se reproduzem mais facilmente no seio social onde estão localizadas. (Aquino, 2017, p. 11).

São diversas as formas e os meios de comunicação, se observados pela ótica da folkcomunicação. Nesse estudo, a mídia possui um conceito mais ampliado, não limitando-se aos mais conhecidos como os impressos e eletrônicos, atribui-se na presente pesquisa, conceito a pinturas artísticas da cidade de Parintins. Canal que não somente manifesta, como também possibilita questões de identidade e conservação da cultura como, igualmente, promove formas diversas de divulgação das manifestações culturais, e inclusão social.

PINTURA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Os muros pintados em Parintins não apenas dão o tom colorido às ruas da cidade, mas reafirmam identidades, demarcam territórios e transmitem comunicações que não são escritas somente com palavras, mas pela relação/interação do desenho com o espaço urbano, elaborados por artistas tidos como atores sociais, os quais além de expressarem-se por meio dos desenhos, integram-se em sociedade e passam suas práticas para outras gerações.

O artista Railson Gomes, 16 anos, nasceu com uma deficiência rara chamada Artrogripose múltipla congênita (AMC) e teve o primeiro contato com a Arte aos 6 anos, quando começou a rabiscar em papel e despertou a paixão pelo desenho. Aos 9 anos entrou para o Liceu de Artes⁴, onde pôde desenvolver a técnica e aprimorar seu talento.

⁴ O Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, unidade Bumbódromo em Parintins, é um centro cultural e artístico que oferece cursos gratuitos nas áreas de artes visuais, audiovisual, dança, teatro e música. Ele também é conhecido como o local onde se realiza o Festival Folclórico de Parintins.

Foto: Railson Gomes

Fonte: Arquivo pessoal (foto autorizada)

Em 2024, Railson recebeu convite do artista Glaucivan Silva (a quem chama de Mestre), para participar do “Projeto Galeria Cidade Aberta”. A temática do muro foi “Lendários da Amazônia”, com foco nos ribeirinhos e seu cotidiano. “A Arte é uma fonte de inspiração e motivação, uma forma de me conectar com outras pessoas e culturas” (G. Railson, entrevista concedida, 10 de abril de 2025).

A deficiência, apesar das limitações severas na mobilidade devido à rigidez e deformidades articulares, não impede Railson de manifestar-se e ser, por meio da pintura, ferramenta de transformação social. O jovem enfatiza a importância do desenho em seu cotidiano: “A Arte representa muita coisa na minha vida, como forma de pensar e evoluir cada dia mais. Foi o meio que achei para me expressar e comunicar com outras pessoas” (G. Railson, entrevista concedida, 10 de abril de 2025).

Aqui, percebemos que longe de dividir ou separar, o muro, por meio da pintura, permite ao artista a conexão com a cidade e seus moradores, onde ele apresenta-se como protagonista, e pelo processo comunicativo oferece diversas possibilidades de interpretação, significação e atuação social.

Interessante como também cada muro/galeria possui QR Code que dá acesso ao site de Cultura do Governo do Estado com mais informações sobre o Projeto. O artista/pintor dos muros, nesse sentido, tem a cidade como campo de intervenção e sociabilidade.

Acerca disto, destaca Butel (2024, p. 9): “Nossas ruas são galerias vivas de uma arte popular a nutrir e expandir a cultura nacional. Semeamos arte em reinvenções permanentes, refazendo identidades, emoldurando ancestralidades com as demandas atuais que brotam de nossa gente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos permitiu verificar, por meio do estudo da Folkcomunicação, ações que transformam os muros e reinventam seus usos e significados – do muro que isola e separa, para o muro que comunica e se apresenta como arte, com temáticas variadas, do cotidiano Amazônico: o sincretismo religioso, os animais, pessoas e festas populares, como acontece em Parintins.

Isso faz com que a cidade seja também movida por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas participantes ativos, que dialogam e interagem com suas ruas, as quais apresentam-se como verdadeiras galerias abertas de um instrumento popular. Daí é possível notarmos a importância da comunicação e da arte como expressões do povo, de resguardo das tradições e formas de falar sobre suas lutas, resistências e existências.

Desde modo, a presente pesquisa busca oportunizar, por meio dos estudos da Comunicação, trabalhos que investiguem os processos culturais nos seus diversos aparatos, os quais proporcionem ao outro a inclusão, a contestação e viabilização de suas potencialidades nos mais variados lugares em que se inserem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Alessandra Oliveira; FILHO, Tarcísio Bezerra Martins; MARINHO, Lucas. Muros que falam: a comunicação na cidade. **Revista de Humanidades**, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 99-114, 2015.

AQUINO, Henrique Perazzi de. **O invisível midiático social: interfaces folkcomunicativas de personagens populares bauruenses excluídos da mídia hegemônica** – FAAC - UNESP, Bauru, 2017.

BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. **Comunicações & Problemas**, 1965.

BUTEL, Larice. SOMOS O BOI NEGRO DE PARINTINS! In: **REVISTA BOI-BUMBÁ CAPRICHOSSO**, Ano 2024, p. 9.

CULTURA DO AMAZONAS, 15 de abril de 2025. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DIe7fm7xfn/?igsh=czl3eW9uN2RyZWVl>. Acesso em: 15 de abril de 2025.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 62-83, 2005.

OLIVEIRA, Hebe Maria de Gonçalves. Meios de Expressão popular. In: **Noções Básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões**. / organizado por Sérgio Luiz Gadini e Karina Janz Woitowicz. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.